

HBDF ganha novo ambulatório

DF - Hospital Saúde

Jorge Cardoso 17.4.00

Atendimento a portadores de distonia, doença neurológica grave que afeta a coordenação motora, será ampliado

Daniela Guima
Especial para o Correio

“Sou o Ronaldinho”, imagina Jefferson Salgado Ribeiro. Aos doze anos, ele é mesmo a cara do craque de futebol. E vem sofrendo ainda mais do que o seu ídolo, hoje afastado dos campos por causa de uma contusão no joelho. Jefferson sofre de distonia, uma grave doença neurológica que afeta a coordenação motora. Os músculos de algumas partes do corpo ficam contraídos. Em alguns casos, como o de Jefferson, isso impede os movimentos normais do corpo.

A mãe, Carmelita Pereira Salgado, de 33 anos, explica que o problema vem do nascimento do menino. Segundo ela, os médicos demoraram muito tempo

pulação. Nos últimos dois anos, o hospital já atendeu cerca de 100 pessoas portadoras de distonia. “Com a abertura do ambulatório, pretendemos atender um número ainda maior”, estima o médico.

Um dos maiores problemas enfrentados pelos neurologistas é a demora no diagnóstico da distonia. “Eles acham que é uma crise muscular passageira, um tique nervoso qualquer”, conta Allan. Pesquisa feita nos Estados Unidos demonstra que o diagnóstico é feito, em média, quatro anos depois que o paciente apresenta os sintomas, o que dificulta muito o tratamento. No Brasil, essa realidade não é diferente.

RECUPERAÇÃO

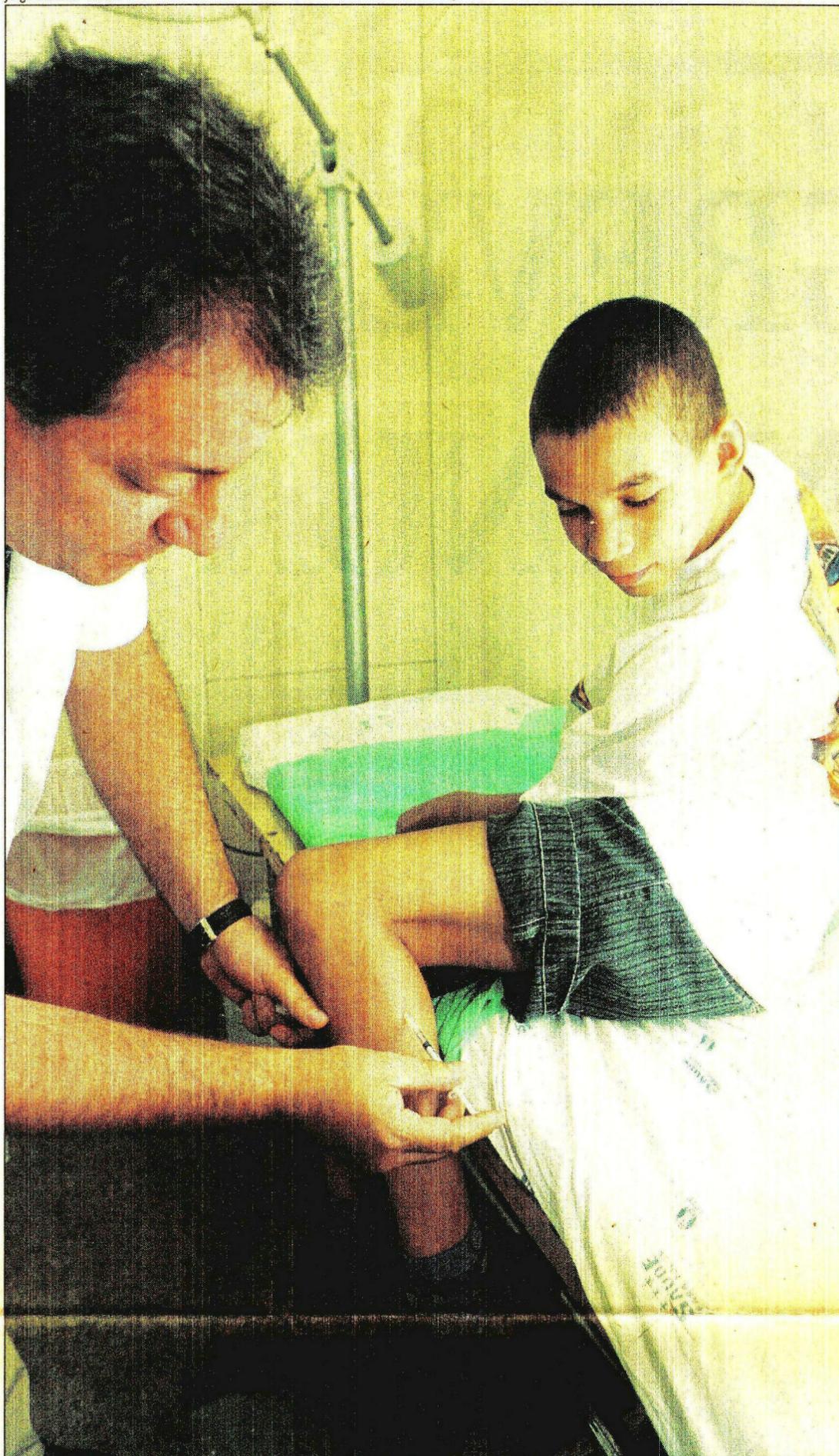
Logo que chegaram à capital, em 1992, os pais de Jefferson procuraram o Hospital de Base e fo-

ram atendidos pelo neurologista Nasser Allan — médico que cuida de Jefferson até hoje. Seu quadro de distonia era muito grave. Na época, Jefferson tomou várias medicações, apresentando uma boa recuperação. Mesmo assim, ele ainda tinha muita dificuldade de caminhar e a postura era curvada.

Há dois anos, Nasser Allan passou a aplicar no garoto a droga chamada *toxina botulínica do tipo A*, ou botox — como é conhecida comercialmente. É o mesmo produto usado por cirurgiões plásticos e esteticistas para aliviar as indesejadas ruguinhas que aparecem no rosto com o tempo.

Jefferson está bem melhor. Os músculos da perna se soltaram, a coluna ergueu-se quase por inteiro e a tremedeira passou. “O botox foi fundamental no tratamento”, diz Nasser. A mãe Carmelita se emociona: “Ele faz tudo como uma criança normal, com algumas limitações, claro. Mas anda, corre, joga bola. Graças a Deus!”

Nasser diz que Jefferson ainda tem restrições em seus movimentos. “Vão melhorar com o botox, mas ele precisa também de sessões de fisioterapia”, explica. Os pais não têm como pagar o tratamento de fisioterapia, que, no caso de Jefferson, só pode ser feito em clínicas particulares. “Não temos dinheiro. Por enquanto, só



Neurologista Nasser Allan aplica botox em Jefferson: injeções devem ser periódicas e custam R\$ 540 a ampola

faremos o tratamento com o botox no Hospital de Base”, conforma-se Carmelita.

AINDA UM MISTÉRIO

No Brasil, o uso do botox foi liberado em 1991 pelo Ministério da Saúde, mas o seu comércio destina-se, quase todo, à área estética. O uso no tratamento de doenças neurológicas ainda é bastante limitado. Em todo o país, existem pouco mais de dez especialistas que empregam a técnica. Além disso, o botox custa caro — em média, uma ampola com 100 unidades sai por R\$ 540.

A causa da distonia ainda não é claramente conhecida. Mas

acredita-se que seja provocada por um mau funcionamento da região cerebral chamada núcleo de base (responsável pela coordenação motora). Quando os núcleos de base deixam de funcionar normalmente, alguns músculos se contraem de forma excessiva e involuntária, resultando no quadro de distonia.

A doença pode ser tratada com medicamentos, aplicação do botox ou, em alguns casos, cirurgia. A toxina botulínica interfere no processo de contração muscular quando injetada diretamente na região dos músculos. A ação terapêutica tem início poucos dias depois da ad-

ministração e o efeito dura, em média, três meses.

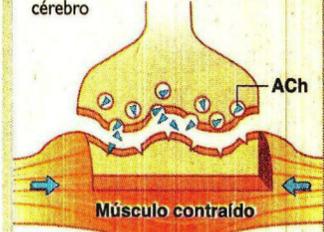
Para que a distonia seja controlada e haja melhora progressiva, há a necessidade de se injetar a toxina periodicamente — de quatro em quatro meses, no máximo. “Terapias alternativas e fisioterapia podem amenizar o quadro. Mas o que melhora realmente é o tratamento com a toxina botulínica”, diz Nasser.

SERVIÇO

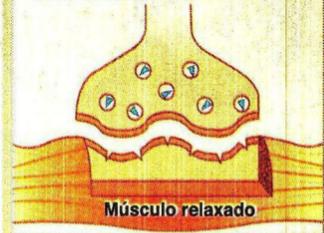
O Ambulatório de Distonia e Espasticidade do HBDF funcionará a partir de oito de maio, às segundas-feiras, no período da tarde. Informações nos telefones: (61) 325-4764 e 346-5501.

A AÇÃO DO BOTOX

1 As terminações nervosas liberam o neurotransmissor ACh (acetilcolina), responsável pela contração dos tecidos musculares. Os portadores de distonia têm seus músculos contraídos constantemente, em função do excesso de impulsos nervosos emitidos pelo cérebro



2 Com uma seringa, o médico aplica o Botox na região atingida pela distonia. A toxina botulínica inibe a ação da acetilcolina gerando, assim, um relaxamento muscular



PARA SABER MAIS

USO DO BOTOX NA ESTÉTICA

Na área estética, o uso do botox é amplamente divulgado em todo o Brasil. É fácil achar na Internet endereços de clínicas que oferecem o tratamento com esse tipo de material.

O botox é usado no rejuvenescimento facial (contra rugas e pés-de-galinha) por meio da aplicação de pequenas quantidades de forma microagulhas, de forma rápida e indolor.

Os resultados aparecem depois de três dias e duram de quatro a seis meses — a reaplicação só pode ser feita após seis meses.

Assim como no tratamento da distonia, a aplicação do botox para combater as rugas de expressão na face gera um relaxamento dos músculos.

Os especialistas garantem que o método é seguro, não deixa cicatrizes ou qualquer efeito colateral.

Os neurologistas, contudo, acreditam que existem muitos profissionais usando o botox de forma incorreta. O uso indiscriminado desse produto vem gerando paralisias de face, boca e pálpebras. (DG)